

# Mediação familiar e produção de novos sentidos subjetivos na educação de filhos: estratégias para fortalecimento de famílias em situação de vulnerabilidade social e afetiva

Florencia Ávila de Oliveira Costa <sup>(1)</sup>  
Ivana Oriente <sup>(2)</sup>

## Resumo

Neste artigo o objetivo é compreender como a mediação - na função de instrumento facilitador da comunicação nas famílias, por meio da valorização do diálogo, da participação e da expressão autêntica dos indivíduos - pode favorecer a produção de novos sentidos na educação dos filhos.

## Palavras-chave

(1) Mediação familiar; (2) Diálogo; (3) Participação; (4) Produção de novos sentidos.

## Abstract

The main goal of this article is to analyze how mediation - seen as a tool to facilitate family communication through dialogue, participation and authentic expression of the individual - can support the production of new meanings for the child education.

## Keywords

(1) Family mediation; (2) Dialogue; (3) Participation; (4) Production of new meanings.

<sup>(1)</sup> Psicóloga e terapeuta de casais e famílias. Pesquisadora social.

<sup>(2)</sup> Psicóloga clínica, pesquisadora e professora do Departamento de Psicologia da Universidade Católica de Goiás.

A mediação como um processo de resolução de conflitos tem sido difundida mundialmente e obtido bons resultados, principalmente em culturas de tradição comunitária, como afirma Cezar-Ferreira (2007). Uma forma mais específica desse processo - a mediação familiar - surgiu no Ocidente, como consequência do aumento do índice de dissolução de casamentos. Essa forma de mediação desenvolve-se através da inter-relação do mediador com as pessoas em conflito, por meio do uso da palavra (Breitman; Porto, 2001).

Neste trabalho, realizado com famílias de "classe popular" em Goiânia (GO) que participam de um programa de extensão da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (UCG), a mediação utilizada como instrumento facilitador da comunicação visa possibilitar às famílias a constituição de novos sentidos subjetivos no que diz respeito a educação e criação dos filhos. Segundo González Rey (2004a) a importância da comunicação consiste especialmente na produção de sentidos que ela possibilita.

A partir das idéias desse autor, adota-se a comunicação como uma valiosa fonte de estudo da subjetividade na família. Para ele, a qualidade das relações familiares depende também do sistema de comunicação e do grau de intimidade gerada dentro do núcleo familiar. González Rey (2004a) compreende como comunicação todas as atividades que caracterizam os sistemas de relacionamentos do indivíduo, como amizade, relações amorosas, familiares etc. Ele enfatiza que o diálogo e a participação são maneiras de legitimar a singularidade dos sujeitos, o que pode promover bem-estar emocional e permitir a produção de sentidos subjetivos associados a formas saudáveis de vida social.

Na sua Teoria da Subjetividade, González Rey afirma que o sujeito é sujeito do pensamento; não de um pensamento exclusivamente cognitivo, mas do pensamento como processo de sentido, que abrange conteúdos e situações que envolve a emoção do sujeito.

Esta concepção de sujeito implica na compreensão da subjetividade, pois o

sujeito se constitui subjetivando a realidade na qual está inserido e suas ações objetivas são fontes de subjetivação. Em uma compreensão histórico-cultural, a subjetividade aparece para González Rey (2005b) como um macrosistema que integra o pensamento do sujeito, as emoções, as situações vividas por ele, as quais aparecem em uma multiplicidade de sentidos subjetivos.

Para esse autor, a subjetividade é dialeticamente social e individual. A subjetividade individual passa por diferentes contextos sociais de subjetivação, constitui-se dentro deles, mas também atua como um elemento diferenciado do desenvolvimento dessa subjetividade social. Os processos de subjetivação individual estão sempre articulados com os sistemas de relações sociais (González Rey, 2005b).

Vale lembrar que o sentido subjetivo que González Rey (2004b) coloca no centro da definição de subjetividade, foi influenciado pelo conceito de sentido de Vygotsky e pela forma que ele colocou o tema da emoção na organização da psique como sistema.

Para Vygotsky (2005) o pensamento não se expressa, mas se completa na palavra, a qual é dotada de sentido e significado. O sentido é compreendido por ele como a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência e o significado uma das zonas do sentido, mais estável e preciso. Para ele, uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em outros, altera o seu sentido. Já o significado permanece estável.

González Rey (2004b), no entanto, desenvolveu a categoria sentido subjetivo, enfatizando seu caráter subjetivo. O autor define a categoria sentido subjetivo da seguinte forma:

Um tipo de unidade auto-organizada da subjetividade que se caracteriza por uma integração de significados e processos simbólicos em geral e de emoções, nas quais um elemento não está determinado pelos outros, embora tenha a capacidade de evocar os outros (p. 17).

Assim, os sentidos subjetivos passam a ser compreendidos como uma produção singular e subjetiva do sujeito concreto em sua história. Essa produção diferenciada se dá por meio das ações concretas do sujeito, através de processos simbólicos e emocionais.

O Social em Questão

Quanto à subjetividade na família, Peres (2005) afirma que a comunicação possibilita a cada membro expressar as emoções geradas nas relações do grupo e geralmente cada um apresenta um estilo peculiar de expressar as subjetividades constituídas nos contextos relacionais. Peres afirma também que a confirmação mútua entre pais e filhos em suas interações é necessária para o desenvolvimento da qualidade da relação entre eles.

Em sua constituição contraditória a família pode ser também um espaço propício para conflitos, desamparos e negligência. Nesse sentido, a desconfirmação, ou a invisibilidade da criança na família, como aponta Oriente (2004), favorece o assujeitamento nas relações, produzindo sofrimento psicológico na vida do sujeito. Dessa maneira, acredita-se que valorizar e facilitar o diálogo e a expressão dos indivíduos na família amplia as chances de seus componentes produzirem novos sentidos em suas relações.

Sawaia (2002) afirma que apesar de tantas mudanças históricas e sociais, a família continua sendo a mediação entre o indivíduo e a sociedade, constituindo-a e sendo constituída por ela nos diferentes momentos da história. Paro; Machado & Oliveira (2001) entendem que a família é universal e singular: é um grupo de pessoas que possuem valores específicos, de acordo com suas histórias de vida, mas ao mesmo tempo se apresenta socialmente como uma organização composta por relações econômicas, afetivas, culturais, territoriais, entre outras.

Para os pobres, segundo Sarti (2002), a noção de família se baseia na rede de obrigações que se estabelece, ou seja, a ela pertencem aqueles em quem se pode confiar, e a vulnerabilidade de um dos membros implica enfraquecer o grupo como um todo. Em relação ao apoio oferecido às famílias pobres, Minuchin; Colapinto & Minuchin (1999) alertam que se deve pressupor o reconhecimento dos vínculos e padrões de interação, bem como dos limites de atuação do grupo. De acordo com Sousa & Peres (2002), isso significa que as intervenções devem ser feitas a partir dos recursos das famílias, com a participação de seus membros.

A partir da experiência no Projeto Bem-Me-Quer, com famílias de Brasília (DF), Costa (2008) sugere visitas domiciliares como possibilidade de

contato direto com o contexto familiar, em seus momentos reais de interação. A autora apresenta também as visitas domiciliares como instrumento de intervenção, o que é justamente a proposta deste trabalho, porém com destaque para a ação mediadora do psicólogo social comunitário e para a produção de sentidos que essa ação possibilita referente à educação de filhos.

Segundo Góis (1993) a Psicologia Comunitária é

... uma área da Psicologia Social que estuda a atividade do psiquismo decorrente do modo de vida do lugar/comunidade [...] visa ao desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos e comunitários, através de um esforço interdisciplinar que perpassa a organização e o desenvolvimento dos grupos e da comunidade. Seu problema central [...] é a construção do indivíduo como sujeito (p. 43).

Essa definição traz a concepção de sujeitos históricos e comunitários, que é complementar ao que González Rey (2004a) afirma em relação ao sujeito. Para ele o posicionamento ativo do sujeito permite-lhe o posicionamento crítico, o que representa um aspecto importante para a democracia e para o desenvolvimento individual e social.

Campos (2001) destaca como aspecto positivo que a Psicologia Comunitária, em especial na América Latina, tem sido chamada de Psicologia Social Comunitária. Essa concepção nasceu sob a influência da Psicologia Social Crítica, da Teologia da Libertação e da Educação Popular.

Dentre essas influências, cabe a este trabalho evidenciar os pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica, na qual o presente estudo se fundamenta. A concepção sócio-histórica concebe o homem como ativo, social e histórico, cuja análise parte da realidade concreta e em constante transformação. O método utilizado é o materialismo dialético (Bock, 2001).

Gonçalves (2001) complementa ainda que a Psicologia Sócio-Histórica propõe, a partir da Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky (1896-1934), o estudo dos fenômenos psicológicos como resultado de um processo de constituição social do indivíduo, em que o plano intersubjetivo das relações é convertido (internalizado) em um plano intrasubjetivo, durante o desenvolvimento do sujeito. Essa constituição acontece por meio das relações sociais, em um pro-

cesso interativo e dialético entre pensamento e linguagem (Vygotsky, 2005). A linguagem portanto, funciona como elemento mediador que permite a comunicação entre os indivíduos, e a constituição mútua num determinado contexto (Rego, 1995).

Diante dessas considerações, objetivou-se através da mediação - na condição de instrumento facilitador da comunicação, por meio da conversação nas visitas domiciliares - possibilitar às famílias a constituição de novos sentidos subjetivos no que diz respeito a educação e criação dos filhos.

### Novos sentidos subjetivos na educação de filhos

Participaram deste trabalho as famílias de duas crianças que são atendidas na Escola de Circo, um programa de extensão do Instituto Dom Fernando (IDF), unidade acadêmico-administrativa vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil (PROEX) da Universidade Católica de Goiás (UCG). O programa atende a crianças e adolescentes de sete a 16 anos e alcança diretamente famílias da região leste de Goiânia.

As duas famílias, também fazem parte da pesquisa-ação *Educar/Criar Sem Violência: Prevenção da Violência Física Familiar Contra Crianças*, projeto realizado pelo Núcleo de Pesquisas da Infância, Adolescência e Família (NIAF), da UCG. As famílias participantes foram escolhidas a partir de sorteio, realizado com o uso das fichas de matrícula. A fim de preservar a identidade dos participantes, a eles foram atribuídos nomes fictícios.

A **Família 1** é composta pela criança Jorge (nove anos); a mãe, Susi (27 anos); o padrasto, Carlos (25 anos); o irmão mais novo, Joaquim (dois anos); e o avô materno, João (60 anos). Jorge é filho de Hélio, que deixou de morar com Susi quando a criança estava com quatro anos. Jorge cursa a segunda série, Joaquim não estuda e Susi cuida dos filhos e das tarefas domésticas. João e Carlos trabalham e sustentam a casa, propriedade do avô. A maior parte das visitas ocorreu na sala de estar, maior cômodo da casa.

Na **Família 2** o núcleo principal é composto pela mãe, Catarina (25 anos), pela criança, Guilherme (nove anos), e pela avó materna, Joana (51 anos). A mãe se separou do pai (34 anos) de Guilherme quando ele estava

com dois anos. Mãe e filho moram, em um dos dois barracões construídos no lote da avó materna. No outro barracão vive Joana. O tanque de lavar roupas e o banheiro interno são compartilhados por todos. Guilherme cursa a quarta série; a mãe e a avó materna trabalham fora, em horários alternados, para compor a renda familiar.

O presente trabalho foi guiado pela epistemologia e metodologia qualitativa de González Rey (2005a). O referido autor defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento. Ele entende o conhecimento sempre como uma construção contínua e os instrumentos como "toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa" (p. 42).

Antes de iniciar as visitas foram realizadas reuniões com toda a equipe integrante da pesquisa maior, *Educar sem Violência*. Esses encontros continuaram acontecendo para supervisão das visitas e estudos teóricos. As visitas domiciliares foram realizadas por uma psicóloga e pela estagiária de Psicologia Social Comunitária da Escola de Circo.

O instrumento utilizado neste estudo foi a conversação ou dinâmica conversacional, a qual gera corresponsabilidade de cada participante na dinâmica de produção de informações, como afirma González Rey (2005a). Nas visitas o objetivo era dialogar sobre educação de filhos. As visitas foram gravadas e transcritas a fim de proceder à análise das informações construídas. Ao final de cada visita foi elaborado um relatório com as observações.

No período de novembro de 2007 a novembro de 2008 foram realizadas sete visitas a cada uma das duas famílias apresentadas neste trabalho. As visitas domiciliares tiveram duração entre uma hora e trinta minutos e duas horas. Os encontros foram agendados por telefone e ocorreram segundo a disponibilidade de tempo da família. Na primeira visita a família foi esclarecida sobre os procedimentos da pesquisa e um responsável assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Através da mediação nas visitas domiciliares, instrumento facilitador da comunicação intrafamiliar, buscou-se o acesso aos sentidos subjetivos produzidos pelos sujeitos e como estes podem promover transformações na família e na educação dos filhos.

González Rey (2005a) sugere a utilização de indicadores para o desenvolvimento de um modelo teórico em construção. Em busca desses indicadores foram analisados trechos da conversação entre pesquisadoras e membros das famílias. A partir dos indicadores foram configurados três núcleos de sentidos subjetivos - "desamparo e amparo afetivo"; "o sentido da maternidade" e "assujeitamento e "protagonismo infantil" - os quais poderão revelar as possíveis transformações ocorridas.

### Desamparo e amparo afetivo

Na Família 1, desde as primeiras visitas, Susi, a mãe, se mostrou bastante atenta ao filho mais novo, Joaquim, de dois anos, que ainda amamentava no peito. Durante os encontros Joaquim chamava a mãe várias vezes, fazia birra para conseguir o que desejava, e sempre era atendido. Em várias visitas Jorge demonstrou-se incomodado pela maneira como o irmão se interpunha na relação entre ele e a mãe. Acreditava que o irmão batia nele por ciúmes da mãe e que a mãe, por sua vez, também batia quando achava que ele teria iniciado alguma intriga.

Em uma pesquisa sobre o sentido do abandono para crianças institucionalizadas, Oriente (2004) apresenta a categoria invisibilidade da criança na instituição, mas assinala que a família também pode ser um espaço propício para o conflito, o desamparo e a negligência. Percebe-se assim, o sentimento de desamparo de Jorge diante da limitada atenção da mãe, ou atenção através da violência física. Esse é um importante elemento na relação entre mãe e filho, indicador da invisibilidade de Jorge para sua mãe, como mostra o seguinte diálogo:

Jorge: ... na hora que ela vai dá carinho nim mim meu irmão vai e bate nim mim... Pesquisadora: O que você sente quando sua mãe te bate?  
 Jorge: ...ela bate mais em mim do que no meu irmão ... Quando eu brigo com meu irmão minha mãe briga comigo, mas tem vez que é meu irmão que bate em mim e ela fala que eu que tô batendo nele.

González Rey (2005a) afirma que através do relato na conversação os sujeitos expressam "... seu mundo, suas necessidades, seus conflitos e suas

reflexões, processo esse que envolve emoções, que por sua vez, facilitam o surgimento de novos processos simbólicos e de novas emoções, levando à trama de sentidos subjetivos" (p. 126).

Em um dos encontros, a mãe se emocionou e chorou ao declarar às pesquisadoras que nos últimos dias tinha pensado sobre a visita anterior e que havia percebido o quanto estava sendo falha com Jorge. Avaliou que dá mais atenção para Joaquim que para Jorge e compreendeu que, embora o filho mais velho não precise mais dos cuidados básicos de um bebê, necessita da mesma proporção de carinho e cuidado.

Jorge estava próximo quando Susi fez essa declaração e escutou as palavras da mãe, carregadas de emoção. Na visita posterior, a criança exibiu um lindo sorriso no rosto e, ao conversar com as pesquisadoras, contou que sua mãe se tornara mais carinhosa. Susi também se emocionou ao dizer que estava conseguindo dar mais carinho para Jorge, dizendo que o amava e o xingando menos. Susi relatou que Jorge havia passado a ajudar mais nas tarefas domésticas e, em outra visita, disse ainda que ele estava mais carinhoso.

Os sentidos subjetivos (González Rey, 2005a) são compreendidos como uma produção singular e subjetiva do sujeito concreto em sua história, ou seja, uma produção diferenciada que se dá por meio de suas ações concretas através de processos simbólicos e emocionais. Partindo dessa compreensão, as transformações de Jorge se dão a partir do momento em que a mãe toma consciência da sua forma de atuação na relação com o filho. Susi então se propõe mudar e consegue, em alguns momentos, objetivar nas suas ações novas formas de relacionamento; ou seja, ao produzir novos sentidos subjetivos de ser mãe, ela expressa sua subjetividade em ações concretas, como demonstrar carinho a Jorge.

Oriente (2004) afirma que a afetividade é um dos elementos mais importantes para que a criança possa tornar-se visível. Nesse sentido, as palavras e ações da mãe, carregadas de um novo sentido, geram em Jorge também um novo sentido subjetivo de visibilidade. Ao sentir o carinho e o cuidado da mãe, a criança objetiva sua subjetividade, ajudando-a mais em casa e também sendo mais atenciosa com ela.

## O sentido da maternidade

Peres (2005) afirma que através do estudo da subjetividade é possível compreender o complexo contexto familiar nas suas formas de manifestação e conteúdo. Na Família 2 foi possível compreender como a relação entre Catarina, a mãe da criança e Joana, sua mãe, constituiu a subjetividade de Catarina como filha e como mãe. Os sentidos subjetivos que ela gerou na vivência com a mãe se objetivam na maneira como ela percebe e educa Guilherme.

Joana se separou do marido e pai de Catarina quando ela ainda era bem menina. Depois disso, até os 11 anos Catarina dormiu com a mãe. Quando Guilherme nasceu, a relação entre as duas mudou completamente: segundo Catarina, sua mãe passou a cuidar do neto, dando-lhe toda atenção. Catarina chegou a queixar que mesmo um iogurte que está na geladeira é só para Guilherme. O nascimento do filho representou para Catarina a perda de sua mãe, ou do seu lugar de filha. Quando foi perguntado a Catarina se a sua relação com a mãe influenciava na educação de Guilherme, ela respondeu: "-Lógico, ele tomou meu lugar!".

O sentimento de perda da mãe e o abandono vivido se expressam na maneira impaciente e autoritária como Catarina educa Guilherme. Ao se portar dessa forma, ela tenta se tornar visível aos olhos da própria mãe, que na sua subjetividade já não a percebe como filha.

Na quarta visita surge algo muito significativo no rico entrelaçamento de sentidos subjetivos dessa família. Quando a mãe sinaliza a possibilidade de ter outro filho, Guilherme expressa medo de ter um irmão. Ele acredita que a mãe pode substituí-lo e não gostar mais dele: "-Se quando eu nasci minha avó deixou de gostar de você, quando ele nascer você vai deixar de gostar de mim".

González Rey (2005a) afirma que as emoções facilitam o surgimento de novos sentidos subjetivos. Nesse caso surge o medo da perda do amor materno, se ela tiver outro filho.

Na sexta visita, pela primeira vez a avó conseguiu participar e surgiu a possibilidade de ela refletir, junto com a filha, sobre o lugar de Catarina na vida da mãe. Catarina se mostrou inibida com a presença de Joana e disse várias vezes "não sei", ou até mesmo "não quero falar". Porém, através da

mediação, em alguns momentos Catarina conseguiu se colocar e fazer questionamentos à mãe, o que pode ser percebido nos trechos abaixo:

Pesquisadora: Mas como você demonstra pra ela que gosta dela?

Joana: Uai, com as ações, né? ... quando sai falar onde vai... dar satisfação, né? ... porque não tem coisa pior do que alguém sair e você passar a noite preocupada... (Joana se emociona).

Pesquisadora: Quais os momentos em que você sente que não tem seu lugar na vida da sua mãe?

Catarina: Quando ela preocupa muito com ele...

Pesquisadora: Você quer que sua mãe se preocupe com você?

Catarina: Ela fala que preocupa, mas...

Pesquisadora: O que é preocupar?

Catarina: ...dar mais atenção...

Pesquisadora: Tem coisas que foram ditas de que a senhora gostou e outras de que a senhora não gostou?

Joana: Eu não gostei dela falar que eu não dou atenção, porque em vinte anos que eu tô separada todo o meu tempo foi dedicado a eles.

Nessa visita a avó acrescentou informações até então desconhecidas tanto para Catarina, quanto para Guilherme, as quais contribuíram para o processo de constituição de novos sentidos para eles. Joana pontuou as diferentes formas de demonstrar que gosta de Catarina: ao se preocupar com a filha, quando ela sai; ao cuidar de Guilherme, quando Catarina está trabalhando; ao ajudar no sustento da família; ao afirmar que durante vinte anos de sua vida sempre se dedicou aos filhos.

Ao ouvir as declarações da avó sobre as formas de demonstrar que gosta de Catarina, Guilherme teve a possibilidade de reavaliar e produzir novos sentidos sobre a presença de um irmão, pois sua compreensão até então tinha se constituído a partir do sentido da mãe. Quando as pesquisadoras perguntaram para Guilherme se ele continuava não querendo um irmão, ele respondeu "não sei" e ficou pensativo, enquanto que anteriormente ameaçara fugir.

González Rey (*apud* Peres, 2005) afirma que quando não existe a possibilidade de produção de um espaço comunicacional aberto à expressão das subjetividades, a relação entre as pessoas pode ficar comprometida. Esse comprometimento ficou claro entre Joana e Catarina, pois no único encontro no qual mãe e filha estavam presentes, pôde-se perceber a dificuldade na escuta

de ambas. Apesar dessas dificuldades, Catarina consegue dizer algumas coisas que contrariam as justificativas de Joana e se mostra pensativa.

### Assujeitamento e protagonismo infantil

Nos primeiros encontros com a Família 1, a criança se mostrou bastante quieta, tímida, respondendo na maioria das vezes "não sei", com o tom de voz baixo. Já a mãe falava muito e sempre tinha uma resposta pronta. Quando as pesquisadoras direcionavam a conversação para a criança, muitas vezes a mãe logo respondia ou dizia que ela estava errada.

Da mesma forma, nas primeiras visitas à Família 2 a criança achava a conversa difícil, ficava inquieta, sempre mexendo nas mãos e no rosto. É importante ressaltar que um dos aspectos que contribui para essa postura da criança são os olhares trocados com a mãe, como em busca de aprovação, mas também revelando medo da ameaça materna. Na penúltima visita a criança diz: "... esse olhar... ela vai me bater!", "... fica olhando de rabo de olho".

Para González Rey (2004a), sujeito é a pessoa viva, ativa, presente, pensante, que se posiciona e produz sentidos subjetivos. No entanto, nas duas famílias pôde-se perceber como as mães contribuíam para o assujeitamento dos filhos. Isso foi demonstrado pelos olhares ameaçadores de Catarina para Guilherme, ou quando Susi não deixava Jorge responder ou falar, ou quando, ainda, as crianças falavam e as mães diziam que elas estavam erradas.

Entretanto, Peres (*apud* Sousa & Peres, 2002) ressalta que a confirmação mútua de pais e filhos é necessária para o desenvolvimento da qualidade da relação entre eles. Esse foi um dos desafios das pesquisadoras na condição de mediadoras da comunicação entre mães e filhos; ou seja, criar condições favoráveis para as crianças se posicionarem diante dos adultos.

Na Família 1, Jorge progressivamente foi apresentando um tom de voz mais alto. Em alguns momentos, conseguiu se posicionar e falar de seus sentimentos, opiniões e necessidades, o que se evidencia nos trechos abaixo:

Jorge: A coisa que eu mais não gosto é quando minha mãe grita com a gente.

Pesquisadora: Jorge, na hora de fazer a tarefa o que você sente?

Jorge: Ah, eu fico com medo da minha mãe me bater, porque antes

quando eu ia fazer a tarefa ela já pegava o cinto pra me bater.

Nesse momento da visita domiciliar, quando a criança consegue verbalizar seus sentimentos, observa-se que a tarefa adquire o sentido subjetivo do medo que se objetiva na contínua dificuldade de realizá-la. Em outro momento com a família, entretanto, a mãe consegue perceber que pode aprender com o filho ao ajudá-lo com as tarefas, gerando assim um novo sentido subjetivo tanto para Jorge como para si mesma.

Estudar torna-se, então, um momento prazeroso ao lado da mãe, no qual Jorge se sente valorizado ao perceber que Susi também pode aprender com ele. A maneira lúdica como Susi ajuda o filho na tarefa de matemática favorece sua aprendizagem: ela ensina brincando, fazendo uma espécie de jogo de adivinhação. A satisfação fica claramente expressa não só na fisionomia alegre de ambos, mas na facilidade com a qual afirmam executar a tarefa.

Jorge: Eu sou bom em matemática e minha mãe tá aprendendo.

Susi: É, ele só não sabe de divisão ainda, mas a de vezes eu aprendi com ele.

Jorge: Matemática ela aprendeu foi comigo... Igual um dia eu tava fazendo tarefa. Aí minha mãe me perguntou e eu falei certinho... Falei na ponta da língua...

Susi: Eu tomo a tabuada dele assim: eu falo cinco vezes cinco, aí ele vai fala a resposta e eu falo "certinho!". Quando ele erra eu falo "não, aumenta um", aí ele acerta...

Na Família 2 também foi possível perceber mudanças na criança como sujeito e na sua relação com a mãe. Na quarta visita, Guilherme consegue falar do seu nervosismo e a mãe revela: "nossa, eu me sinto uma opressora". Com essa fala percebe-se que até aquele momento a mãe não havia conseguido perceber como seus olhares eram extremamente ameaçadores, o que despertava na criança sentimentos de nervosismo, medo e retraimento.

Nessa mesma visita, a partir da mediação das pesquisadoras, Guilherme consegue dizer coisas que sua mãe até então desconhecia, como sua vontade de passear nos parques. Em seguida, Catarina se propõe sair mais com o filho. Outra informação nova é quando ele diz à mãe que gosta de ser chama-

O Social em Questão

do pelo nome de registro, e não apenas pelo segundo nome. Catarina, então, novamente se compromete a tentar chamá-lo como ele gosta.

Na quinta visita as pesquisadoras propuseram que eles fizessem novamente um quadro de tarefas domésticas, pois o que tinha sido produzido no encontro de famílias da Escola de Circo havia sumido. Durante a confecção do quadro Catarina escreveu no lado referente a Guilherme; ele imediatamente colocou a mão em cima e disse: "não, eu não quero assim". Em outro momento Guilherme pediu para a mãe escrever no lado dele do quadro, pois afirmou que sua letra era feia. Nesse momento as pesquisadoras disseram: "não tem feio, nem bonito, mas tem o nosso, e essa é a sua letra e esse é o seu espaço, pode ficar como você quiser". Em seguida, a criança escreveu no seu lado e sentiu orgulho do que fez.

Na última visita domiciliar foram levantados alguns questionamentos para investigar possíveis mudanças ocorridas. Muitas das percepções confirmaram a importância da mediação como instrumento facilitador da comunicação nas famílias.

González Rey (2005a) afirma que no contexto de pesquisa a subjetividade aparece somente quando o sujeito ou os grupos estudados se implicam em sua expressão e a pesquisa adquire sentido para eles. Assim, o trecho abaixo exemplifica a importância do espaço de conversação e de escuta nas visitas domiciliares. Por meio da fala e da reflexão mediada pelas pesquisadoras, Susi passa a se conscientizar sobre algumas ações que desfavoreciam a relação com o filho, como gritar muito e pegar o cinto para bater. Susi, após algumas visitas, demonstra que tem refletido mais antes de agir.

Pesquisadora: Então, como foram as visitas domiciliares pra você?

Susi: Foram boas, né... a gente conversando vai vendo no que a gente tá acertando. Tem muita coisa que eu tenho que consertar, porque eu grito demais, eu falo muito.

Pesquisadora: Houve alguma mudança em relação à educação dos seus filhos?

Susi: Houve em mim, porque quando eu começo a gritar... ou quando eu pego o cinto eu dô uma pensada, antes eu já batia...

Pesquisadora: Houve alguma mudança... entre você e sua mãe?

Jorge: Mudou, ela não tá me batendo mais...

Peres (2005) ressalta a importância da comunicação autêntica no contexto familiar, pois para ela isso é indispensável para a constituição de relações

saudáveis na família e para o desenvolvimento afetivo de cada membro. Neste estudo, as duas mães relatam claramente as transformações percebidas nas relações e nas crianças, como esclarecem às falas abaixo:

Susi: É, mudou o jeito do Jorge falar, porque antes eu falava com ele e eu não entendia nada que ele falava...agora ele fala alto...eu mando ele fazer as coisas, ele fala: "ah, não, só eu que tenho que fazer as coisas? Por que o Joaquim não ajuda?".

Pesquisadora: Então ele fala o que ele pensa?

Susi: É, agora fala até demais.

Pesquisadora: E o que você sente quando ele te questiona, fala o que pensa...?

Susi: Eu gosto, eu acho bom, não quando ele me responde com falta de educação. Mas tem hora que eu peço uma coisa e na mesma hora peço outra, aí ele fala: "mãe, calma, espera, eu sou só um". Antigamente ele começava a chorar.

Catarina: Antigamente eu acho que o Guilherme tinha receio de falar as coisas pra mim com medo de alguma repressão minha, né? E hoje em dia não, ele é mais aberto comigo, em relação a questionar alguma coisa, entendeu? Agora ele questiona...

Para Rego (1995) a possibilidade comunicacional da mediação é fundamental, pois a comunicação é um conjunto de operações simbólicas que permite às pessoas se constituírem mutuamente em um determinado contexto. Além disso, possibilita a produção de novos sentidos subjetivos, como destaca González Rey (2004a).

As crianças revelaram a importância dos espaços de conversação, para possibilitar que tanto elas, quanto as mães, dissessem e expressassem o que até o momento não havia sido dito, ou nem mesmo percebido. A partir dessa possibilidade pôde-se perceber a aproximação afetiva entre mães e filhos, o que favorece a confiança na figura materna, estabelecendo assim uma relação que contribui para a constituição dessas crianças como sujeitos.

Pesquisadora: Durante todo esse tempo... como foram as visitas?

Jorge: Boas, porque eu descobri muitas coisas sobre a minha mãe, ela falando do meu pai, de quando ela tava grávida de mim.

Pesquisadora: Durante todo esse tempo que a gente fez as visitas, como elas foram?

Guilherme: Boas, porque ajudou eu e minha mãe a ficar... como que fala... ordenar mais as coisas, eu obedecendo ela, ela fazendo as coisas que eu peço de vez em quando.

Pesquisadora: Por exemplo...

Guilherme: Quando a gente montou a árvore de Natal, a gente montou junto sem brigar, a gente também assiste televisão sem brigar.

Diante das possibilidades apresentadas, compreende-se que a mediação utilizada como facilitador na comunicação da família - em especial entre mãe e filho, com a valorização do diálogo e a expressão da criança, principalmente - favoreceu o processo de constituição e transformação da relação entre eles, por meio da produção de novos sentidos subjetivos.

É importante ressaltar que essa mediação evidencia a presença real do pesquisador nas famílias, na condição de sujeito, assim como a qualidade da relação estabelecida entre pesquisador e entrevistados e a emocionalidade implícita nesse processo.

### Considerações finais

Neste estudo buscou-se compreender como a mediação - na função de instrumento facilitador da comunicação nas famílias visitadas, por meio da valorização do diálogo, da participação e da expressão autêntica dos indivíduos - poderia favorecer a produção de novos sentidos na educação de filhos.

Nas conversações a relação que mais se evidenciou foi entre mãe e filho. Portanto, os sentidos subjetivos construídos e compreendidos estão diretamente relacionados a essa relação. A mediação como instrumento facilitador na comunicação familiar possibilitou principalmente que a criança expressasse para a mãe seus pensamentos, sentimentos, conflitos e reflexões. Vygotsky (2005) afirma que o pensamento se reestrutura à medida que se transforma em fala. E essa fala, carregada de emoções, pode gerar novos sentidos subjetivos tanto para a criança que se expressa quanto para a mãe que a escuta. Nessa perspectiva, o outro é significativo ao converter-se em uma fonte de produção de sentido.

Para González Rey (2005a) no estudo da subjetividade é necessário que o sujeito ou os grupos sejam envolvidos e a pesquisa adquira sentido para eles. Acredita-se que este trabalho adquiriu sentido para as famílias pesquisadas, principalmente a partir da escuta atenta e empática das pesquisadoras, assim como a

implicação delas como sujeitos do processo. A escuta foi reconhecida neste trabalho como um fator de extrema relevância na mediação em visitas domiciliares.

As mães participantes perceberam a importância de serem ouvidas e de ouvirem seus filhos, para melhor compreendê-los e assim transformar a relação entre eles. A reflexão, a conscientização e a percepção de outras formas de educação também levaram as mães a repensar novas práticas e a gerar, assim, novos sentidos subjetivos sobre a educação dos filhos. Esse processo revela o curso do desenvolvimento do pensamento para Vygotsky (2005), que se constitui do social para o individual por meio das relações sociais

Vale lembrar que a atuação proposta para este estudo não é definida como terapia familiar, mas se caracteriza como um momento terapêutico e construtivo para as famílias, na medida em que possibilita a escuta, o diálogo e a reflexão. Percebe-se, na mediação proposta, um recurso significativo para visitas domiciliares, uma possibilidade de atuação do psicólogo social comunitário. Isso favorece o desenvolvimento da consciência e a superação da alienação, mediante a reflexão crítica, que é o objetivo central da Psicologia Social Comunitária, em uma perspectiva social e histórica.

Além da rica possibilidade de contato direto com o contexto das famílias em seus momentos de interação, como pontua Costa (2008), a visita domiciliar possibilita também a expressão dos sujeitos e a transformação de suas relações, a partir de seus próprios recursos psicológicos e relacionais. O processo de constituição e transformação é dialético, interativo e contínuo na vida do sujeito e em suas relações. Dessa forma, este trabalho com as famílias foi um facilitador para esse processo, despertou nos sujeitos seu potencial de transformação.

As contribuições apresentadas esbarraram na limitação do tempo e, como consequência, no aprofundamento deste trabalho. Sugerem-se, então, encontros mensais com essas mães e outras famílias interessadas, para que elas possam refletir sobre a educação familiar e sobre a comunicação entre pais/responsáveis e filhos. Esses encontros, além de dar continuidade ao trabalho iniciado, podem também ampliá-lo.

Recebido em junho de 2009, aceito para publicação em setembro de 2009

## Referências bibliográficas

BRANDÃO, Shyrlene N. "Visita Domiciliar: ampliando intervenções clínicas em comunidade de baixa renda". 2001. 143f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

BREITMAN, Stella & PORTO, Alice C. *Mediação familiar*. Porto Alegre: Criação Humana, 2001.

BOCK, Ana M. B. "A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia", In: BOCK, Ana M. B.; GONÇALVES M. Graça M. & FURTADO, Odair (Org.) *Psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-35.

CAMPOS, Regina H. F. *Psicologia social comunitária - da solidariedade à autonomia*. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2001.

CEZAR-FERREIRA, Verônica A. M. *Família, separação e mediação. Uma visão psicojurídica*. São Paulo: Método, 2007.

COSTA, Liana F. "Peculiaridades e cuidados da pesquisa com famílias de baixa renda", In: *Revista Brasileira de Terapia Familiar*. v.1, n. 1 - Jan./Jun. 2008, p. 17-23.

GÓIS, Cezar W. L. *Noções de psicologia comunitária*. Fortaleza: Viver, 1993.

GONÇALVES, M. Graça M. "A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica", In: BOCK, Ana M. B.; GONÇALVES M. Graça M. & FURTADO, Odair (Org.) *Psicologia sócio-histórica*, São Paulo: Cortez, 2001, p. 37-52.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Thomson, 2004a.

\_\_\_\_\_. "O sujeito, a subjetividade e o outro na dialética complexa do desenvolvimento humano", In: SIMÃO, Livia M. & MARTÍNEZ, Albertina M. (Org.) *O outro no desenvolvimento humano*, São Paulo: Thompson, 2004b, p. 01-27.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa qualitativa e subjetividade*. São Paulo: Thomson, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson, 2005b.

MINUCHIN, Patrícia; COLAPINTO, Jorge & MINUCHIN, Salvador. *Trabalhando com famílias pobres*. São Paulo: Artmed, 1999.

ORIONTE, Ivana. "Abandono e institucionalização de crianças – significados e sentidos". 2004. 192f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

PARO, Carmem R.; MACHADO, M. Conceição S. P. & OLIVEIRA M. Luiza M. "Perfil da família goianiense", In: SOUSA, Sônia M. G. & RIZZINI, Irene (Org.) *Desenhos de família – criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais*, Goiânia: Cânone, 2001, p. 55-71.

PERES, Vannúzia L. A. "O estudo da subjetividade na família: desafios metodológicos", In: GONZÁLEZ REY, Fernando (Org.) *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*, São Paulo: Thomson, 2005, p. 312-332.

REGO, Teresa C. *Vygotsky - Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SARTI, Cynthia. A. "Famílias enredadas", In: ACOSTA, Ana R. & VITALE, M. Amalia F. (Org.) *Família: redes, laços e políticas públicas*, São Paulo: IEE/PUC - SP, 2002, p. 21-36.

SAWAIA, Bader B. "Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades", In: ACOSTA, Ana R. & VITALE, M. Amalia F. (Org.) *Família: redes, laços e políticas públicas*, São Paulo: IEE/PUC - SP, 2002, p. 39-50.

SOUSA, Sônia. M. G. & PERES, Vannúzia L. A. "Famílias de camadas populares: um lugar legítimo para a educação/formação dos filhos", In: RIZZINI, Irene; BARKER, Gary & ZAMORA, M. Helena (Org.) *O Social em Questão*, Ano 7, n. 7 - Jan./Jul. 2002, p. 63-73.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.